

Economia

AGRONEGÓCIOS

# Ex-ministros indicam destinos para o campo

Setor atualmente é o carro-chefe da economia e se credencia a ser a máquina de geração do PIB no futuro

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Ministros em períodos diferentes na história político-econômica brasileira em quase 50 anos, Alysson Paulinelli, Francisco Turra e Roberto Rodrigues mostraram ontem, em evento na Expointer, que vislumbram as mesmas provações e potenciais para o setor. O cenário de juros galopantes, câmbio nervoso e agronegócio descolando da recessão que domina as demais atividades (indústria e serviços) foi unanimidade entre o mineiro Paulinelli (gestão de 1974 a 1979 no governo militar de Ernesto Geisel), o gaúcho Turra (FHC, de 1998 a 1999) e o pernambucano Rodrigues (com Lula, de 2003 a 2006).

Outra máxima do trio de painelistas do Fórum Itinerante do Agronegócio Brasileiro é que o setor é o carro-chefe da economia hoje e se credencia a ser a máquina de geração do PIB no futuro. Para isso, os experientes ex-ministros colocaram em duas palavras o segredo para estar ou não na locomotiva para puxar o País: produtividade ainda maior (deve crescer 40% até 2030 para atender à necessidade de alimen-

tos no mundo) e tecnologia. “Só a ciência e tecnologia vão garantir nossa sobrevivência e nos tirar do buraco atual”, defendeu o ex-ministro na era Geisel.

Paulinelli esteve à frente da pasta da Agricultura na fase final de um Brasil que importava mais e produzia menos alimentos e começava a escalada para a revolução verde, com milho e soja e taxas de produtividade ascendentes, efeito da aposta de desenvolver a agricultura em clima temperado. O investimento do governo chegou a 3% do PIB. Rodrigues e Turra atestaram que a estratégia da gestão de Paulinelli foi a última que a agropecuária teve e que falta um novo plano para desatar os gargalos atuais, de crédito, logística a investimento em tecnologia.

Rodrigues alertou que falta ao País uma estratégia consistente para atender à demanda mundial. “O curto prazo não é risonho, dada à bagunça e incompetência de toda natureza do governo federal, em particular”, estocou o ministro do primeiro mandato de Lula. “Mas confio na ministra (Kátia Abreu), ela é amiga da presidente, uma característica muito importante”, arre-



ANTONIO PAZ/JC

Fórum realizado ontem na Expointer reuniu Alysson Paulinelli, Francisco Turra e Roberto Rodrigues

matou o pernambucano. Turra, que dirige a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) da cadeia industrial de frangos e suínos, está preocupado com o impacto dos juros maiores para o desempenho do agronegócio.

“Lembro quando ia à fronteira e tinha vontade de chorar. Ti-

nha produtor que havia comprado dois tratores, pago um e devia três”, ilustrou o ministro no final dos anos de 1990, quando os juros foram às alturas. Dedicado a abrir mercado no Exterior, o gaúcho adverte que o País precisa adicionar valor agregado à pauta primária atual, seguindo o rastro

de frango e suínos. “A Tailândia fez isso e exporta valor médio por tonelada de US\$ 5 mil. No Brasil, o valor é de US\$ 2 mil”, comparou Turra. “Somos os maiores em soja, mas gostaria que o navio fosse mais leve para fora e voltasse mais dólar”, desafiou o ex-ministro de FHC.

## Mapa lança no fim do mês Programa de Defesa Sanitária de Fronteiras

A ministra da Agricultura, Kátia Abreu, afirmou ontem que lançará no dia 30 de setembro o Programa Nacional de Defesa Sanitária de Fronteiras. Segundo ela, ainda falta fechar o orçamento. Na ocasião, também será lançada a Força Nacional de Defesa Agropecuária. Entre outras medidas de defesa, ela confirmou que foi encaminhado ontem para a Casa

Civil um decreto que permite ao ministério repassar recursos para a defesa agropecuária nos estados, mesmo os que estiverem inadimplentes com a União. “A defesa agropecuária será encarada como um programa que não pode ser paralisado”, disse a ministra após a Reunião Interamericana de Serviços Nacionais de Sanidade Animal, Vegetal e Inocuidade dos

Alimentos frente aos Desafios do Comércio Internacional.

As unidades da federação já apresentaram projetos e no primeiro momento serão liberados R\$ 40 milhões. Quando esses recursos estiverem esgotados, mais R\$ 40 milhões serão repassados. A ministra também relatou que lançará na próxima terça-feira o programa de controle das moscas de frutas. Também está em fase de preparação uma proposta para isolar a produção de aves como forma de evitar a gripe aviária e outras doenças.

Segundo Kátia, o processo de harmonização dos procedimentos agropecuários discutido no encontro de 36 países das Américas não prejudica o Mercosul. Ao contrário, a mobilização no sentido de harmonizar procedimento facilita o comércio na região. “Isso tudo vai facilitar um possível entendimento, não sei de que forma, mas pode aprofundar as possibilidades de mercado entre os países das Américas. É uma coisa lógica. É muito mais óbvio e fácil o comércio entre as Américas”, disse.

Kátia Abreu voltou a afirmar que tem o objetivo de livrar as Américas em 100% da febre aftosa. Ela relatou, no entanto, que, no Brasil, faltam avançar Pará, Roraima e Amazonas. “Estamos fazendo uma força tarefa para que eles possam entrar

na votação da Organização Mundial da Saúde da Animal (OIE), em Paris, no ano que vem, para ficarmos 100% livre”, disse. Segundo a ministra, além do Brasil, também é preciso erradicar a febre aftosa na Venezuela, que ainda tem um programa incipiente.

O Ministério da Agricultura (Mapa) vai começar campanha contra contrabando de agroquímicos no País, informou a ministra. “O combate ao contrabando de agroquímicos e à pirataria será uma de nossas fortes bandeiras. Não podemos permitir que isso ocorra no País”, disse. “Isso só será possível com a união de todos os países, principalmente na América do Sul. Usaremos todas as nossas forças para evitar a entrada desse produto que pode afetar nossos alimentos”, afirmou.

Segundo a titular do Mapa, os ministros de agricultura de cada país que tem interesse nesse mercado recíproco podem influir nos governos em busca de aproximação. “Aqui no Brasil temos Armando Monteiro no Desenvolvimento e Comércio Exterior, temos o Ministério da Agricultura, o Itamaraty e a presidência (da República), que é quem bate o martelo. É um jogo de interesses saudáveis. Cada um quer abrir seus mercados e faz um jogo de influências mostrando dados”, afirmou.



Decreto prevê liberação de verba mesmo aos estados inadimplentes, disse Kátia Abreu